

Poema: Perguntas de um trabalhador que lê Autor: Bertold Bretsch

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis:
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da
China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para os seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogavam
gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?

César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou,
quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhou o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.

Os textos 1 e 2 apresentam duas visões diferentes sobre um mesmo fato histórico: a abolição da escravidão.

Leia ambos os textos e identifique como cada um deles explica a libertação dos escravos, bem como quem são os "heróis" e protagonistas de cada versão.

Texto 1:

E é com bela caneta de ouro que ela [Princesa Isabel] assina a lei que a Nação enternecida cognominou de "áurea". Na rua, a multidão em altos gritos exige a presença de Isabel. E a princesa aparece à janela, tendo ainda na mão a pena que acabou de dar a liberdade à raça negra do Brasil. Na praça inteira, o povo agita os braços festivamente, em pleno delírio:
Redentora! Redentora! Redentora!

E, quando o som da rua se vai apagando, no salão uma voz se destaca, num brado que a todos surpreende:
"Meu Deus! Meu Deus! Já não há mais escravos em nossa terra (...) O que se segue depois que Isabel, com sua assinatura, sanciona a lei, são festas. (...) Festas nas ruas, festas nos corações. Festa no coração dos negros, que ficaram livres do cativo que os atormentava. Festa também no coração dos brancos, que livres ficaram da nódoa que lhes desonrava a Pátria.

CORRÊA, Viriato. História da liberdade no Brasil. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 203-204. In: VICENTINO, Cláudio. Viver a História. São Paulo: Scipione, 2005, p. 297.

Texto 2:

O título de "Redentora", consagrado por muitos livros de História oficial à Princesa Isabel, não passa de mais um engano com que costuma ocorrer em nossos cursos de História. A Abolição não proveio do bondoso coração da regente. Foi produto de uma luta longa, muitas vezes violenta, sangrenta, cheia de heróis anônimos.

Muitos escravos pressionaram o governo imperial com revoltas organizadas ou fugas para quilombos e para as cidades. Havia também aqueles que se organizavam para a compra de sua liberdade com seu próprio dinheiro, e outros que formavam sociedades para compra da liberdade de colegas escravos. Seja a forma escolhida, não podemos entender a abolição sem lembrar da luta e da pressão construída pelos escravos.

MENDES, Jr., Antônio e MARANHÃO, Ricardo. Brasil história: texto e consulta. República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 127-8. In: VICENTINO, Cláudio. Viver a História. São Paulo: Scipione, 2005, p. 297.

Texto 3: Trecho de um documento histórico

A década de 1880 foi marcada por uma série de fugas e revoltas de escravos, especialmente na província de São Paulo.

Em maio de 1879, por exemplo, o delegado de polícia de Limeira teve que solicitar uma força de trinta soldados para conter a sublevação (revolta) dos escravos da fazenda de Sampaio Peixoto. Além de Limeira, há relatos de que as áreas rurais eram percorridas por bandos de negros armados, determinados a tudo para "conquistar sua liberdade".

Durante suas jornadas pelas vilas, cidades, estradas e matas, grupos iniciais de escravos que escapavam de alguma fazenda eram reforçados por outros, o que gerava grande preocupação entre os proprietários.

Um exemplo marcante dessas fugas coletivas que inquietaram os senhores ocorreu em Piracicaba, em 1887. Vejamos o relato do chefe de polícia da época sobre a situação:

"O presidente da província teve conhecimento por telegramas de fazendeiros de Itu, Indaiatuba, Capivari e Piracicaba, que grande número de escravos tinha se revoltado e vagava por aqueles municípios, fugindo do serviço de seus senhores e exigindo que concedessem imediatamente carta de liberdade e pagamento de salário. A polícia confirmou esta informação, e ainda acrescentou que uma leva de cerca de 130 escravos do Barão da Serra Negra se rebelaram no município de Piracicaba, fazendo quase vítima da revolta o referido Barão, e que os dois grupos rebeldes se encaminhavam para uma rebelião geral. Sendo assim, o presidente da província decide o envio de uma força adicional de cerca de 46 praças



de cavalaria e infantaria para a região, evitando maiores desastres.”

Naquela época, percebia-se que se aproximava um momento de acerto de contas, no qual os senhores poderiam sair prejudicados, pois as forças policiais disponíveis dificilmente conseguiriam conter uma rebelião generalizada. Sem dúvida, esse temor acabou por acelerar o processo de abolição da escravidão.



Atividades:

1. Qual a crítica que o poema de Bertolt Brecht faz sobre a “história oficial”?
2. É possível afirmar que a história considerada "oficial" respeita a diversidade de memórias e classes sociais ou ela acaba privilegiando um grupo específico? Justifique.
3. Como o texto I e o texto II explicam a abolição da escravidão? Quem é(são) o(s) principal(is) protagonista(s) em cada um deles?
4. Após a leitura do documento histórico no texto III, responda: ele serve como fundamento para os argumentos do texto I ou II? Justifique.
5. Em sua opinião, a história oficial deveria valorizar o passado dos trabalhadores em monumentos, datas comemorativas e narrativas didáticas? Explique seu ponto de vista.
6. Estabeleça uma relação entre o poema lido as versões da história da Abolição da escravidão do Brasil.

